

Oscar Niemeyer apresenta coleção inédita de arte brasileira

Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Segall, Volpi, Mabe, Picasso, Miró, Matisse, Georges Roualt e outros estão entre as 444 obras apresentadas

A exposição *Odorico Tavares – A Minha Casa Baiana – Sonhos e Desejos de Um Colecionador de Arte* apresenta pela primeira vez a coleção completa, composta por 444 obras, formada pelo jornalista, poeta e colecionador Odorico Tavares. O curador da mostra, Emanuel Araújo, a classifica como uma das mais belas coleções de arte moderna brasileira, reunida na Bahia por Odorico, entre os anos 50 e 70.

Para apresentar a grande coleção, o monumental *Museu Oscar Niemeyer*, em Curitiba (PR), foi escolhido para iniciar o roteiro expositivo nacional. Depois segue para o Museu AfroBrasil, em São Paulo, Recife, Salvador e está em negociação para ser exibida também no Rio. A mostra no Oscar Niemeyer, que poderá ser apreciada pelo público entre 15 de julho e 30 de novembro, será aberta a jornalistas e convidados no próximo dia 14, às 19h.

Na mesma ocasião será aberta outra importante exposição – *Farnese: Objetos*. A mostra reúne 128 trabalhos do desenhista, gravador e pintor mineiro Farnese de Andrade (1926-1996). Em tempo, a exposição resgata a singular obra de um artista que até os anos 70 foi consecutivamente premiado – de 1962 a 1970 – e praticamente esquecido nas duas últimas décadas.

As duas mostras marcam as comemorações do segundo aniversário de funcionamento do Museu, a ser completado no próximo dia 8 de julho. Também comemora os 90 anos de nascimento de Odorico Tavares.

Eclético e atento

Pernambucano de Timbauba e baiano por devoção, Odorico fez da Bahia sua casa e de sua casa uma afetiva galeria. Colecionou principalmente obras-primas de artistas brasileiros, amigos e inspiradores de sua porção poeta, chegando a dedicar a cada um deles um poema, reunidos em *Meus Poemas e Meus Artistas*, o penúltimo de seus livros publicados.

“É uma coleção formada com antiguidades, com intimidade e afeto de Odorico pelos artistas que dela fazem parte”, afirma o curador Emanuel Araújo. De estética e gosto apurados, o colecionador dividiu o cenário da paisagem baiana com obras de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, Djanira, Antonio Bandeira, Segall, Volpi, Guignard, Manabu Mabe, Cícero Dias e Carlos Bastos, entre outros.

Todos amigos dele, com poemas dedicados. Desses, a mostra apresenta nada menos do que 22 obras de Portinari, 20 de Pancetti, 16 de Di Cavalcanti, algumas obras de Mabe –inclusive com figurativos da Bahia–, e até 20 obras da fase baiana do artista paranaense Poty Lazarotto. “Ele também foi amigo de Tomie Ohtake, mas que por alguma impossibilidade não chegou a adquirir nenhuma obra dela. Por isso, Tomie está produzindo uma obra especialmente para homenageá-lo.”

Colecionador “sequioso e atento por estender seu olhar nas muitas viagens que fez”, em suas andanças de jornalista, Odorico também levou para a Bahia obras de Picasso, Miró, Matisse e do francês Georges Roualt. Além de obras dos japoneses, internacionalmente reconhecidos, Hamaguchi, Sugai e Tsutaka –muito valorizados no Japão. A mostra exhibe seis Mirós, quatro Picassos e seis obras de Hamaguchi. Além de uma série fotográfica inédita de Pierre Verger.

Todos devidamente acompanhados por uma coleção, composta de 35 obras dos séculos 17 e 18, da imaginária religiosa barroca, além de peças do mobiliário dos séculos 18 e 19. Estes marcam os



Museu Oscar Niemeyer

primeiros momentos da vocação de colecionador inveterado de Odorico, na sua primeira casa na Bahia, na Rua Recife, em Salvador.

No pequeno apartamento, os que com ele conviveram, encontraram bonecos e santos de Severino de Tracunhaen, as primeiras imagens de santos da Bahia, os bois de Vitalino e, com eles, nas paredes, os desenhos de Augusto Rodrigues, os quadros mais antigos de Cícero Dias, de Lula Cardoso Ayres e de Rego Monteiro. Eram os artistas pernambucanos.

“A coleção de Odorico mostra esse olhar eclético que possuía, sem diferenciar escolas ou processos criativos, mas que amarrava com sensibilidade o vigor da arte brasileira, desde a imaginária barroca baiana até a arte modernista, através dos nomes mais emblemáticos da arte brasileira. Depois estendendo seu olhar atento a Picasso, Braque, Miró e outros.”

A casa baiana

“Lembro-me de uma manhã de 1942, 5 de março de 1942, quando, jovem repórter, descia eu, no aeroporto de Ipitanga, para aqui assumir um posto de promoção na minha carreira profissional de imprensa (...)” Este é o início do relato do próprio Odorico Tavares sobre a paixão que teve por toda a vida pela Bahia.

Como colaborador imediato do lendário Assis Chateaubriand, Odorico Tavares durante 20 anos esteve à frente dos Diários Associados da Bahia. Por meio dos jornais e, mais tarde, a partir da década de 60, com a inauguração da TV Itapoan, os jovens artistas como Mário Cravo, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Raimundo Oliveira, receberam grande apoio para suas primeiras e incipientes exposições.

Foi histórica a reação inicial provocada nos meios artísticos, na imprensa e até entre os intelectuais, mesmo entre os que se intitulavam modernos, que ainda não aceitavam o modernismo pela fidelidade aos padrões tradicionais.

Indicado aos visitantes brasileiros e estrangeiros como o homem de cultura, o poeta, o jornalista e até o crítico de arte, Odorico apoiou dezenas de iniciativas culturais. Entre elas a criação do Museu de Arte Sacra, do Museu Regional de Feira de Santana, dos salões e das primeiras bienais de arte, sendo marcante a atuação dele na primeira exposição de pintores modernos de vanguarda. Além do apoio entusiasmado à arquiteta Lina Bô Bardi para a instalação do Museu de Arte Moderna da Bahia.

Como amigo dos artistas, empresários e políticos, cultivou amizade especial pelo senador Antônio Carlos Magalhães. Dele foi companheiro de jornal e descobriu afinidades marcantes como o gosto pelas coisas antigas e pela arte moderna. São fartas as fotos em que Odorico aparece com artistas, personalidades políticas da época e ao lado de Magalhães.

“Pronuncio sempre com emoção o seu nome. É porque me vem à mente a convivência de quase trinta anos ininterruptos. A ele muito devo. Devo mais, porém como baiano e como cidadão, do que como amigo, embora jamais possa esquecer o quanto ele foi importante nos passos primeiros que dei em minha vida, quer como jornalista ou como político”, relatou o senador no prefácio do catálogo *A Arte Brasileira*, do Museu de Arte da Bahia.

Serviço

Aberta ao público: 15 de julho a 30 de novembro

Onde: Museu Oscar Niemeyer

Endereço: Rua Marechal Hermes, 999

Centro Cívico - CEP: 80530-230

Telefone: (41) 3350-4400

Horário: de terça a domingo, das 10h às 18h

Preços: R\$ 4,00 adultos e R\$ 2,00 estudantes identificados (Crianças de até 12 anos, maiores de 60 e grupos de estudantes de escolas públicas, do ensino médio e fundamental, pré-agendados não pagam)